

## NA PRAIA

O rude coração do amargo oceano  
Tem virtudes inérgicas, austeras:  
Dá um heroico lampejo ao corpo humano,  
Um sadio florir de primaveras.  
Essas almas dolentes, requebradas,  
Tristes como o cantar de um rouxinol,  
Fal-as fortes, viris, iluminadas:  
Brilhantes como o sol,  
E rijas como espadas.  
Um corpo frouxo e morbido e franzino,  
Cheio de pallidez etherea e doce,  
Forma-o como se fôsse  
De bronze crystallino.  
Depois o aroma acre dos pinheiros,  
A borrascosa voz dos marinheiros,  
E a vastidão da esplendida paisagem,  
Tudo faz rebentar em nossos peitos  
O bronze inabalavel da coragem.

Deixae os plumeos leitos  
Onde o espirito languido desmaia!  
Vinde viver na praia  
Entre as coisas sadias, triumphantes  
Do bello mundo antigo!  
E despi esses vicios irritantes  
Como quem despe uns trapos de mendigo!

Viver n'uma casita á beira mar  
Feita no gosto inglez,  
Casa de um só andar  
E sem balcão chinez;  
Ler paginas vibrantes, luminosas,  
Ricas de coisas sãs e duradoiras;  
Beijar crianças puras, vigorosas,  
Ainda mesmo que não sejam loiras;  
Junto a isto um amigo verdadeiro,  
Saude e algum dinheiro,  
Eis a vida melhor, mais pittoresca  
Que existe á luz do dia...  
A vida assim é uma roseira fresca  
Inundada de orvalhos de alegria!

GUERRA JUNQUEIRO.

1

## ADORACÃO

(FRAGMENTO)

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão  
Em mim não é amor, filha, é adoração!

Nem se falla em voz alta á imagem que se adora.  
Quando da minha noite eu te contemplo, [aurora,  
E, estrella da manhã, um beijo teu perpassa  
Em meus labios, oh, quando essa infinita graça  
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante  
Eu sinto, — virgem loira, inefavel, radiante,  
Envolta n'um clarão balsamico de lua,  
A minh' alma ajoelhar, tremula, aos pés da tua!  
Adoro-te!... Não és só graciosa, és bondosa:  
Além de bella és santa; além de estrella és rosa

Bemdicto seja o Deus, bemdicta a Providencia  
Que deu o lirio ao monte e á tua alma a innocencia,  
O Deus que te criou, anjo, para eu te amar,  
E fez do mesmo azul o céu e o teu olhar!...

GUERRA JUNQUEIRO.

6

A. L.

Não és a flor olympica e serena  
Que eu vejo, em sonhos, na amplidão distante;  
Não tens as fórmias ideaes de Helena,  
As fórmias da Belleza triumphante.

Não és tambem a mystica açucena,  
A alva e pura Beatriz do Dante!  
És a artista gentil, a flor morena,  
Cheia de aroma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que harpejo  
Eu sinto dentro d'alma quando vejo  
Teu corpo aereo, sensual, franzino...

Faz-me lembrar as vividas napeias,  
E as fórmias voluptuosas das sereias  
Rendilhadas n'um bronze florentino.

GUERRA JUNQUEIRO.

3

## CRYSTALLISAÇÕES

### A FLOR DA NOITE

Ha no teu corpo negro, repassado  
D'um effluvió magnetico, dormente,  
A doçura de um fructo avelludado  
E a indolencia nervosa da serpente.

Nas noites tropicaes do velho Oriente  
Eu quizera, n'um fremito sagrado,  
Sentir pulsar o coração valente  
Do teu seio no bronze immaculado.

Teus olhos, cheios de luar sombrio,  
Vertem-me n'alma um calido amavio,  
Morna volupia, venenosa, estranha:

— És a tulipa negra, a flor escura,  
Que um lord inglez, excentrico, procura  
Pelas velhas cidades da Allemanha.

GUERRA JUNQUEIRO.

2

## A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

Acre aroma dos pampanos se exhala,  
No manso lago azul o céu se estampa,  
A lua silenciosa, que resvala  
Bate em cheio na cruz da humilde campa.

Da ave agoureira as vozes compassadas  
Ecchoam pelas tumbas de granito;  
São a larva de putridas ossadas  
Vem ouvir o concerto do Infinito...

Pobre larva, sem ver a luz do dia,  
Nas entranhas d'um mundo tenebroso!  
Oh! que enlevo! que amor! oh que alegria!  
Adora em extase o luar saudoso.

És mais feliz do que eu! em selva extensa  
Solitario caminho até morrer;  
Em vão procuro a luz, a aurora immensa  
D'uns olhos meigos, ternos, de mulher!

GUERRA JUNQUEIRO.

4

## A VALLA COMMUM

(POST-SCRIPTUM)

Quando eu morrer abram-me o peito,  
E d'esta jaula, onde houve um leão,  
Tirem, o carcere era estreito,  
Meu velho e altivo coração,

Depois, sem dó e sem respeito,  
Sem um murmuro de oração,  
Lancem-no assim, vai satisfeito,  
A' valla obscura, á podridão,

Para que durma e se desfaça  
No lodo amargo da desgraça,  
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha  
Estoira ao fim d'uma batalha,  
Rouco, furioso, ancioso, ardente!

GUERRA JUNQUEIRO.

5

1. "Na Praia"  
*A Illustração*  
N.º 10, 20 Set. 1884, p. 147

2. "A Flor da Noite"  
*A Illustração Universal*  
23 Fev. 1884, p. 23

3. "A. L."  
*A Imprensa*  
N.º 34-35, 1888, p. 79

4. [Acre aroma...]  
*A Imprensa*  
N.º 47, 1888, p. 184

5. "A Valla Commum"  
*A Illustração Portugueza*  
N.º 8, 7 Set. 1885, p. 3

6. "Adoração"  
*A Illustração*  
N.º 19, 5 Out. 1885, p. 295